

Yuri Saladino

**TENSÕES POLÍTICAS E CULTURAIS EM  
RÊ BORDOSA**



Capa - Sumário - Introdução - Capítulo <I><II><III> - Conclusão - Referências - Autor - Expediente

Yuri Saladino

# TENSÕES POLÍTICAS E CULTURAIS EM RÊ BORDOSA



João Pessoa - 2011

## Agradecimentos

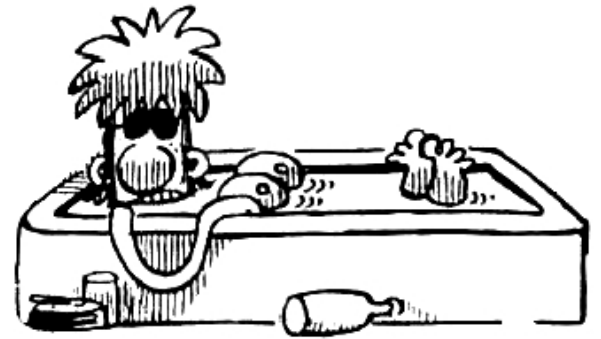
Deus  
Cuja Presença e Amor Evidenciam-se nos Aspectos Mais  
Simples Até os Mais Complexos no Cotidiano de Nossas Vidas.  
Meus Pais, Felizardo (in memorian) e Gilma Nunes  
Pela Demonstração de Dedicção e Carinho ao repassar  
Educação, Princípios e Valores que Norteiam o Meu Viver.  
Minha Noiva, Andreia Benari  
Pelo Seu Amor e Carinho Que Ilumina o meu Cotidiano.  
Meu Orientador, Roberto Vêras  
Por Meio do Seu Caráter, Profissionalismo e Dedicção à  
Sociologia, Constitui um Exemplo de Vida.  
Minhas Irmãs, Helen e Marcele  
Pelo Apoio e Compreensão nas Diversas Horas.  
CNPQ/CAPES  
Pelo Incentivo da Educação em Nosso País.

# Sumário

- 5. Introdução
- 13. Capítulo I: Apresentação inicial de Angeli e seus personagens
  - 1.1. Angeli torna-se um cartunista *underground*
  - 1.2. *Rê Bordosa* e outros personagens angelianos
- 38. Capítulo II: *Rê Bordosa* e seu universo
  - 2.1. Antes de *Rê Bordosa*: a geração contracultural
  - 2.2. A geração *Rê Bordosa* e sua emergência no mundo
  - 2.3. A juventude brasileira e o contexto do país nos anos 1980
  - 2.4. As opções de *Rê Bordosa*
  - 2.5. *Rê Bordosa*: seu ambiente, seu comportamento, seus interlocutores e seus temas
- 79. Capítulo III: *Rê Bordosa* como projeto cultural e político
  - 3.1. Concepções contemporâneas sobre a noção de cultura
  - 3.2. Para situar o projeto de Angeli
  - 3.3. *Rê Bordosa* e os demais personagens angelianos: tipos pós-modernos?
- 108. Considerações finais
- 113. Referências
- 117. Autor
- 118. Expediente

## Introdução

Nosso trabalho acadêmico tem como propósito estudar a construção artístico-cultural expressa nas histórias em quadrinhos *Rê Bordosa*, discutindo o seu sentido político. *Rê Bordosa* é uma personagem criada pelo quadrinista Arnaldo Angeli Filho, nos anos 1980, em sua tira diária do Jornal *Folha de S. Paulo* e, depois, incorporada à sua revista *Chiclete com Banana*. Esta personagem reflete os dilemas da condição feminina da classe média urbana no período posterior à Revolução Sexual e outros movimentos sócio-culturais dos anos 1960.



*Rê Bordosa* é uma representação de certo segmento da condição feminina que vivenciava dilemas políticos, econômicos e culturais na década de 1980. *Década perdida, cinema american pop, new wave, punk, heavy metal, Rock Brasileiro, Nova MPB, rebeldia jovem, hecatombe nuclear, proibido proibir, fim dos regimes ditatoriais latinos americanos, movimentos sociais etc.* Expressões como essas indicam o quanto o período histórico dos anos 1980 esteve marcado por uma efervescência político-cultural. Particularmente, foi uma década em que houve muitas transformações sócio-culturais que se materializavam no surgimento de novos estilos e modos de vida.

No Brasil, os anos 1980 foram um período de transição política, isto é, que marcou a passagem da ditadura militar ao estado de direito democrático. Vivia-se uma tensão entre diversas formas de repressão e censura e diversas práticas de resistência social, cultural e política. Tensão essa, que se entendeu até depois do fim oficial do Regime Militar, em 1984.

Os jovens e adultos-jovens por ocasião dos anos

1980, principalmente aqueles que se situavam nas cidades maiores, haviam sido influenciados, com intensidades diversas, pelos movimentos de contracultura dos anos 1960 e 1970. Uma geração que havia dialogado com os pensamentos da Revolução Sexual e de toda uma proposta de contestação ao “Sistema” político vigente. A década de 1980 se materializou como uma época em que a liberdade sexual e a luta pelos direitos civis estavam se incorporando às relações sociais no dia-a-dia.

Segundo Sader (1988), os anos 1980 significaram um contexto histórico em que novos personagens (atores históricos) entravam em cena, procurando – através de suas lutas e experiências culturais – modificar a realidade social. Esses novos personagens – materializados em trabalhadores industriais, clubes de mães, grupos religiosos das comunidades de base, bem como outros grupos sociais – construíram novas narrativas e formas de se relacionar com a situação sócio-política do país. Sader salienta que essas contestações sociais foram emergindo no final dos anos 1970 e que nos anos 1980 começaram a eclodir de uma maneira mais intensa, pro-

duzindo questionamentos diversos no cotidiano e na política brasileira.

A novidade eclodida em 1978 foi primeiramente enunciada sob a forma de imagens, narrativas e análises referindo-se a grupos populares os mais diversos que irrompiam na cena pública reivindicando seus direitos, a começar pelo primeiro, pelo direito de reivindicar direitos. O impacto dos movimentos sociais em 1978 levou a uma revalorização de práticas sociais presentes no cotidiano popular, ofuscadas pelas modalidades dominantes de sua representação. Foram assim redescobertos movimentos sociais desde sua gestação no curso da década de 70. Eles foram vistos, então, pelas suas linguagens, pelos lugares de onde se manifestavam, pelos valores que professavam, como indicadores da emergência de novas identidades coletivas (SADER, 1988, pp. 26-27).

Nesse contexto, também a condição da mulher emergiu como uma questão social, política e cultural.

A luta por igualdade de direitos entre homens e mulheres materializou-se de diversas maneiras, como através da emergência dos clubes de mães, da luta sindical, dos movimentos feministas, da adoção de novos comportamentos culturais.

No campo da cultura, também prevalecia um ambiente de contestação. Por exemplo, o rock brasileiro foi um movimento cultural dos anos 1980 que produziu críticas à situação social, política e econômica da época. Através da música grupos juvenis denunciavam as práticas políticas, as diversas medidas econômicas que só faziam piorar as relações cotidianas, e as posturas culturais tradicionais.

Para Dapieve (1996), o *Brock* – como é chamado o rock brasileiro dos anos 1980 pelos críticos musicais – terminou por construir um movimento musical muito bem sucedido e heterogêneo, pois teve uma influência muito grande junto ao público, reuniu “tribos” de diversos seguimentos juvenis, bem como expressou o pensamento desses grupos sobre o amor, o sexo, as relações familiares, a política, entre outros temas.

O rock brasileiro – representado pela *Legião Urbana*, *Paralamas do Sucesso*, *Titãs*, *Capital Inicial*, *Plebe Rude*, *Engenheiros do Havai* e outras bandas – produziu e expressou novas formas de pensar e conceber o mundo. Canções como *Que País é Esse?*, da *Legião Urbana*, ou *Alagados dos Paralamas*, dão bem a medida do significado que teve naquele contexto.

Semelhantemente, surge nesse período o movimento dos quadrinhos alternativos (ou *underground*) brasileiros, que tinha o propósito de narrar e satirizar o cotidiano brasileiro. Inspirados nos quadrinhos *undergrounds* americanos dos anos 1960 – cujos quadrinistas Robert Crumb, Gilbert Shelton e outros satirizavam o *american way of life* – Angeli, Laerte, Glauco e outros artistas procuraram refletir sobre a política e a cultura vividas então no Brasil, a partir de uma narrativa crítica. Revistas como *Chiclete com Banana*, *Circo*, *Geraldão* e *Striptiras* se tornaram os veículos para esses quadrinistas expressarem, ao seu modo, a vida urbana das grandes cidades brasileiras dos anos 1980 e o contexto que então se vivia.

Esses quadrinhos narravam às aventuras dos *Piratas do Rio Tietê*, do *punk Bob Cuspe*, dos *hippies Wood e Stock*, das aventuras amorosas dos *Gatinhos* e da *Rê Bordosa*.

Os quadrinhos alternativos dos anos 1980 foram uma das novas formas de pensar o Brasil naquele período. Os quadrinistas (ou cartunistas, como muitos denominam) reinterpretaram o cotidiano brasileiro, usando uma expressão de arte para criticar a política, bem como satirizar o social. Essa produção artística se tornou uma representação de um grupo de artistas que resolveram pensar o Brasil de outra maneira. Através da arte procuraram conceber e refletir criticamente a realidade, mostrando um cotidiano de conflito, dilemas e reposicionamentos sobre temas diversos, muito dos quais tabus, como o aborto, entre outros.

O presente trabalho visa analisar o sentido da crítica política produzida a partir da construção artístico-cultural da personagem *Rê Bordosa* frente ao contexto dos anos 1980 no Brasil. Que temas evidenciou? Como os interpretou? Que projeto político sugeriu, sinalizou?

A obra artístico-cultural de Angeli situa-se em um contexto histórico marcado pelo debate modernidade x pós-modernidade, no que se refere à construção das identidades e aos sentidos da política. Suas tiras em quadrinhos e seus personagens expressam tipos, situações e posicionamentos referidos a tal questão.

Nos termos de Lyotard (2007), as grandes narrativas não conseguem mais dar conta da explicação da realidade social, restando como alternativa as visões de mundo fragmentadas. A partir da crise da modernidade, emergiu a pluralização dos discursos e o declínio das narrativas universais.

Para Hall (2003), o sujeito moderno vem passando por um deslocamento na construção de suas identidades. Com o debate modernidade x pós-modernidade e a desconstrução das identidades culturais – nacionais, a noção de sujeito é fragmentada e, com isso, as identidades começam a se multiplicar no cotidiano.

Conforme Maffesoli (2001), o fenômeno do “desencantamento do mundo”, previsto por Weber e que expressou uma forte representação da modernidade, vem

sendo substituído pelo fenômeno do “reencantamento do mundo”, no qual a centralidade da razão, do racional, da racionalização, dão lugar à centralidade da emoção. O cotidiano na pós-modernidade estaria cada vez mais referenciado numa perspectiva hedonista e presentista. Ao invés das identidades de classes sociais e de nações, constituem-se as tribos, enquanto novas formas de solidariedade, centradas na emoção, e não mais na razão.

Os personagens angelianos podem ser vistos como uma representação dos tipos tribais. Os diálogos e situações expressos nos seus quadrinhos tematizam os deslocamentos de identidades, satirizam as grandes narrativas, sugerem a opção por estilos hedonistas e presentistas.

De outra parte, é preciso que se considere que as histórias em quadrinhos, mesmo a de tipo *underground*, integram de algum modo a cultura midiática. O projeto artístico-cultural dos quadrinistas, mesmo os *underground*, incluindo Angeli, não está isento de uma relação com o mercado. Que implicações isso tem para o referido projeto? Que tensões coloca, tendo em vista a sua natureza *underground*?

O debate sobre a cultura midiática foi muito relevante entre os teóricos frankfurtianos, especialmente para Adorno e Horkheimer, Benjamin e Marcuse.

Adorno e Horkheimer (1978) evidenciam relação entre cultura e mercado. Para entendê-la, eles elaboram a ideia de “indústria cultural”, que seria a própria apropriação do capitalismo sobre a cultura.

Essa “indústria cultural” torna a cultura um tipo especial de mercadoria. A cultura como mercadoria teria um sentido alienante.

Para Walter Benjamin (1978), a ênfase recai sobre a apropriação dos indivíduos. Isso não quer dizer que este autor não concorde com a visão de Adorno e Horkheimer, mas ele afirma que refletir a cultura midiática apenas pelo fator cultura e mercado é muito problemático, pois existem formas de apropriação distintas, o que contribui para entender os indivíduos não como uma *massa amorfa* e, sim, como sujeitos que dialogam com a cultura.

Quanto a Herbert Marcuse (1978), centra-se na noção de arte como militância política. Evidencia, com

isso, a relação entre cultura, militância e contestação social. Essa perspectiva de Marcuse parte da visão de que o caráter revolucionário não estaria mais no proletariado, mas em outros grupos sociais, sobretudo os jovens. Neste caso, a arte possuiria esse caráter revolucionário e o objetivo de mudança social.

Autores como Umberto Eco distoaram totalmente da perspectiva frankfurtiana. Eco (1979) salienta como problemáticas noções como *cultura de massa*, “*indústria cultural*”, “*massa amorfa*” etc. Para ele, esses *conceitos – fetiches* generalizam, e terminam por limitar o estudo sobre a cultura midiática. Para Eco (1979), configuraram-se duas opções: uma dos teóricos apocalípticos, que dissentem, e outra dos que assentem (integrados).

Michel de Certeau (1996) traz uma dimensão do problema que achamos importante para o debate sobre cultura e particularmente tendo em vista a abordagem sobre práticas artístico-culturais de tipo *underground*. Os indivíduos são produtores de cultura e a constroem nas relações sociais no cotidiano. Por mais que as

diversas instituições, através de diferentes estratégias, possam impor um determinado discurso aos indivíduos, estes burlam essas imposições e reinterpretam-nas no dia-a-dia.

Pretendemos, nesse estudo, trazer uma reflexão sociológica tanto sobre os conteúdos discursivos dos quadrinhos de Angeli, em especial representados pela personagem *Rê Bordosa*, como também sobre sua forma, ou seja, as questões que envolvem o seu projeto artístico-cultural, que se propõe como *underground* e, ao mesmo tempo, construindo-se como um projeto mercadológico.

O presente estudo tem como objeto as histórias em quadrinhos de Angeli, com foco na personagem *Rê Bordosa*. Trata-se de uma abordagem sociológica sobre as narrativas gráficas. Ambas (abordagem sociológica e narrativas gráficas estudada) assemelham-se e aproximam-se, ao representarem formas de reflexões da sociedade sobre si mesma. De outra parte diferenciam-se, e distanciam-se por se tratarem, uma, de um discurso político-cultural e, outra, de um discurso “científico”.

A explicação sociológica da realidade social deriva da explicação de que o senso comum produz a respeito dessa realidade. Giddens (1991) denomina o esforço sociológico de uma “dupla hermenêutica”, se afastando e se aproximando do conhecimento que a vida cotidiana produz.

O estudo em questão se propõe como uma abordagem qualitativa, que toma como objeto de análise as narrativas gráficas expressas por meio de Angeli referidas à personagem *Rê Bordosa*. Para esse estudo lançamos mão das seguintes fontes principais: *Rê Bordosa: Do Começo ao Fim* (2006), *Wood e Stock: Psicodelia e Colesterol* (2003) e a *Revista Chiclete com Banana* (todas as 24 edições). A partir desse material refletimos sobre o projeto artístico-cultural de Angeli.

No primeiro capítulo, apresentamos o cartunista Angeli e seus personagens, fazendo uma relação de sua trajetória com o contexto histórico no qual se encontrava inserido.

No segundo capítulo, apresentamos *Rê Bordosa* e seu universo, seus interlocutores, os temas tratados, as-

sim como o contexto histórico no qual se situa.

No terceiro capítulo, procuramos estudar *Rê Bordosa* como projeto cultural e político de Angeli. Para isso, analisamos a trajetória das histórias em quadrinhos, a discussão sobre cultura midiática – dando ênfase ao debate iniciado pelos teóricos da *Escola de Frankfurt* – e, por fim, discutiremos a personagem *Rê Bordosa* como um tipo pós-moderno. Ao final, teremos algumas considerações sobre o presente trabalho.

# Tensões políticas e culturais em Rê Bordosa



## Tensões políticas e culturais em Rê Bordosa

Yuri Saladino

Série Quiosque nº 26.

João Pessoa: Marca de Fantasia, 2011.

119p. Ebook (pdf).

Leia a sequência desta obra  
de Yuri Saladino

Adquira o arquivo completo por apenas R\$5,00  
Faça transferência ou depósito no Banco do Brasil,  
agência 1619-5, conta 41626-6,  
para Henrique Magalhães.  
Mande o número do envelope do depósito,  
seu pedido e seu endereço para  
[editora@marcadefantasia.com](mailto:editora@marcadefantasia.com)



Para mais informações, acesse o sítio

[www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com)